



Cira Arqueologia

N.º 7



Revista Cira Arqueologia n.º 7

O presente volume da Revista CIRA Arqueologia é a mais recente realização de um objetivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira concretizado através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, a edição regular de uma revista de arqueologia.

Criada em 2012, esta publicação tem-se pautado pelo respeito de uma linha editorial coerente. Centrando-se numa primeira linha, na investigação das ocupações humanas pré-territas, sobre o território administrativo Municipal. Mas tendo presente, desde o primeiro volume, que as atuais fronteiras administrativas não existiam para períodos mais recuados, sendo necessário contextualizar de forma mais alargada. Analisando-se assim os sítios e as comunidades a uma escala mais ampla como a da península de Lisboa e Vale do Tejo.

A Revista CIRA Arqueologia tem vindo a assumir-se, como forma privilegiada de dar público conhecimento dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito das atividades do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Os sete volumes já produzidos atestam de forma eloquente a qualidade e a dinâmica do trabalho ali produzido.

Um dos papéis das autarquias portuguesas consiste no inventário e defesa do património que nelas se conserva e que herdou dos seus antepassados. O Município de Vila Franca de Xira tem na última década vindo a apostar de uma forma sustentada e consistente no conhecimento do seu passado. Prova desse empenho é a realização e atempada publicação da Carta Arqueológica do seu território, as sucessivas exposições de arqueologia patentes em diversos espaços e enquadramentos institucionais, assim como, nas sucessivas campanhas de escavações arqueológicas de investigação no sítio de Monte dos Castelinhos.

Esta publicação que muito nos apraz apresentar, é constituída por oito artigos em que participam catorze investigadores incidindo a sua temática desde a Idade do Bronze até ao século XVIII.

É de sublinhar os quatro artigos que assumem um cariz monográfico em torno dos trabalhos de escavação arqueológica conducentes à construção do Centro de Saúde de Alhandra. Obra importante para os cidadãos de Alhandra. Este espaço dedicado à Saúde, pelo qual hoje se acede de forma quase telúrica, pelo antigo portal da Ermida de São Francisco ligando-se assim o passado com a atualidade. Nestes estudos ora trazidos a público, documenta-se a pertinência que estas investigações tiveram na salvaguardar de património e de conhecimento, que de outra forma se tinha obliterado. Provando-se uma vez mais, que o CEAX não se limita a escavar e a “atrapalhar” as obras, mas antes pelo contrário que o seu trabalho é essencial para a construção de uma memória coletiva da nossa comunidade, comunidade essa de que estes ossos encontrados em Alhandra nos falam de forma tão direta e apelativa.

AVEREADORA DA CULTURA



MANUELA RALHA

➤ A cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos, Portugal)¹

MARGARIDA RODRIGUES

MESTRANDA EM ARQUEOLOGIA PELA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA.

JOÃO PIMENTA

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA - CEAX;

UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA). FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA.

ELISA DE SOUSA

UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA). FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA.

HENRIQUE MENDES

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA - CEAX;

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA). FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA.

RESUMO

As intervenções arqueológicas que ao longo dos anos têm sido realizadas em Porto do Sabugueiro têm permitido recolher materiais de diversas cronologias, entre estes um grande conjunto pertencente à Idade do Ferro. Destaca-se deste conjunto a cerâmica cinzenta, que se pretende abordar neste trabalho. O estudo que aqui se realiza debruça-se, primeiramente, sobre as características morfológicas do conjunto, cuja classificação foi realizada utilizando tipologias já estabelecidas anteriormente para o Estuário do Tejo. A partir desta, é possível tecer considerações tanto sobre a cronologia de ocupação do sítio na Idade do Ferro, como também sobre a função que esta categoria cerâmica desempenha neste contexto.

ABSTRACT

The archaeological works that have been carried out over the years in Porto do Sabugueiro have allowed the recovery of material from several chronologies, among these a significant assemblage from the Iron Age. From this set stands out the grey wares, which we intend to address in this paper. The study done here focuses, firstly, on the morphological characteristics of the ensemble, which was classified using typologies previously established for the Tagus Estuary. Based on this it is possible to make some considerations both on the chronology of the occupation of the site during the Iron Age, as well as on the function of this ceramic category in this context.

1. Introdução

O conjunto de cerâmica cinzenta que aqui se publica é proveniente de Porto do Sabugueiro, sítio arqueológico ribeirinho, plano com poucas descontinuidades altimétricas, de cota baixa, localizado na margem esquerda do Tejo, no Concelho de Salvaterra de Magos, Freguesia de Muge. A ocupação humana é ampla diacronicamente (desde o Mesolítico até momentos avançados de época romana) e está documentada numa vasta área com cerca de 25 ha. (Pimenta *et al.* 2014; Arruda *et al.* 2016).

¹ Trabalho realizado no quadro do projecto “Fenícios no Estuário do Tejo” (FCT PTDC/EPH-ARQ/4901/2012).

As características dos solos (arenosos), a submersão frequente pelas águas do Tejo em momentos de cheia, a intensa exploração agrícola dos terrenos pertencentes à Casa do Cadaval e a extracção de areias são factores que contribuíram para o deficiente estado de conservação dos níveis arqueológicos, maioritariamente revolvidos e/ou destruídos, apesar de ter sido já possível a escavação de contextos preservados (Pimenta & Mendes 2013).

Apesar destes condicionalismos, a importância do sítio, expressa nos enormes conjuntos de materiais dispersos por várias instituições, alguns já publicados (Oleiro 1960-1; Pereira 1975; Cardoso & Rodrigues 1996; Pimenta & Mendes 2008, 2013; Pimenta et al. 2014; Arruda et al. 2016; Pereira 2017), é grande para todas épocas documentadas, muito especialmente para a Idade do Ferro e época romano republicana. Para a primeira, citem-se as ânforas, maioritariamente de produção local (Sousa *et al.* no prelo), os vasos de armazenamento pintados em bandas de tipo *pithoi*, a “urna” de tipo Cruz del Negro, os pratos e as taças de engobe vermelho (Pimenta *et al.* 2014) e a grande abundância de cerâmica cinzenta, que se estuda neste trabalho. Acrescenta-se a este vasto conjunto cerâmico os dois escaravinhos “egípcios”, datados entre os meados do séc. VII e o séc. VI a.n.e. (reinado de Thutmosis III) (Pereira 1975), algumas contas de colar de vidro azul (Arruda *et al.* 2016), e ainda alguns metais como um pendente de bronze em forma de sanguessuga (Pimenta *et al.* 2014).

Recorde-se ainda que todos os espólios citados no parágrafo anterior são resultado de intervenções de características diversas no sítio, ocorridas ao longo de vários anos em circunstâncias e enquadramentos distintos, que já foram detalhadamente enunciados em trabalhos anteriores (Pimenta & Mendes 2008, 2013; Pimenta *et al.* 2014; Arruda *et al.* 2016).

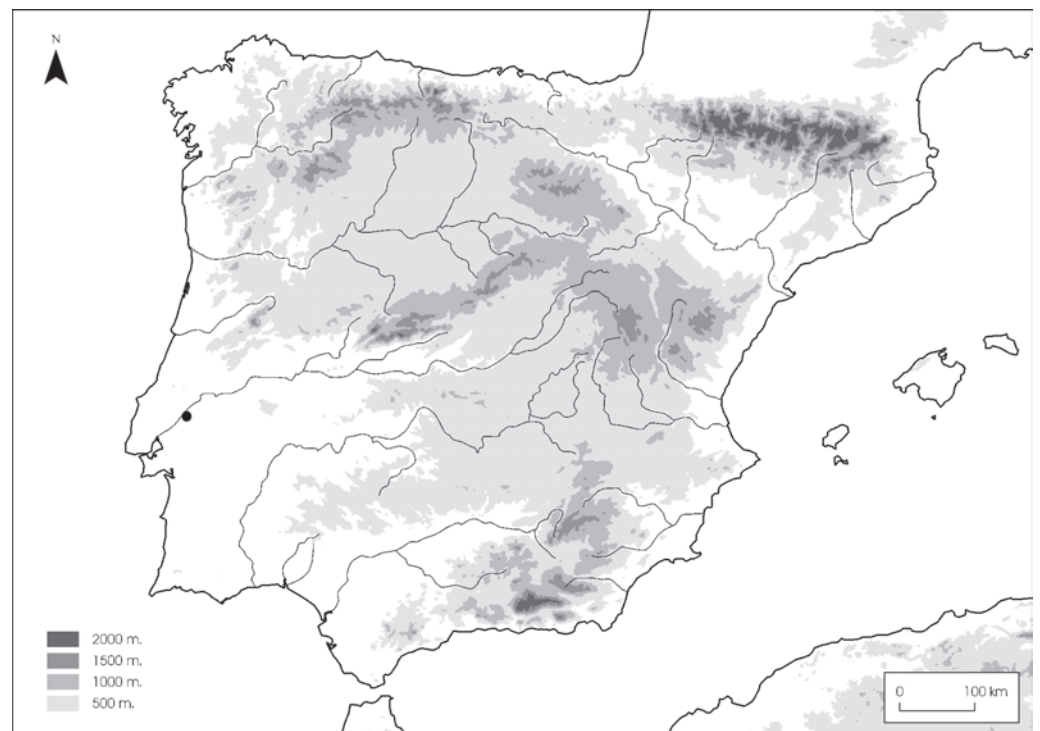


Figura 1
Localização do Porto do Sabugueiro no território peninsular.

2. O conjunto de cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro

Metodologia da abordagem ao conjunto

Os materiais agora estudados resultam, maioritariamente, de trabalhos de prospecção e escavação levados a efeito na primeira metade do presente século por dois de nós (J.P. e H.M.), tendo alguns deles sido já alvo de publicação (Pimenta & Mendes 2008, 2013; Pimenta *et al.* 2014). Trata-se, sobretudo, de espólios descontextualizados, com a excepção de algumas peças recolhidas em contexto primário durante as intervenções de 2013, tendo-se consciência de que alguns deles podem pertencer, indistintamente, quer à Idade do Ferro quer à Época romano-republicana. Ainda assim, a vastidão e a qualidade do conjunto justificam uma análise global e a sua divulgação junto da comunidade científica. O estudo morfológico e tecnológico das peças possibilitou classificar as formas presentes, tendo em consideração as tipologias já definidas para outros sítios do Estuário do Tejo, tendo-se tornado possível contextualizar o conjunto cronologicamente, ainda que sempre com as devidas reservas dadas as circunstâncias da sua recolha. Com efeito, foram excluídas deste trabalho morfologias de cerâmica cinzenta que pertencem, indiscutivelmente, ao período romano, como é o caso de peças que imitam protótipos de produções campanienses e mesmo de *terra sigillata*. Contudo, em grande parte dos casos, esta divisão cronológica nem sempre é fácil de estabelecer, uma vez que certas formas, ainda que possam ter surgido numa fase avançada da Idade do Ferro, podem igualmente ter perdurado até ao período republicano. A ausência de contextos estratigráficos levou-nos a optar, nestes casos específicos, pela incorporação destes vasos no presente estudo.

Assim, o conjunto de cerâmica cinzenta do Porto do Sabugueiro aqui estudado engloba 320 exemplares, que se distribuem por fragmentos de bordo (180), fundo (37), asas (98), paredes decoradas (4) e um possível elemento coroplástico, proporcionando um Número Mínimo de Indivíduos (NMI) de 186 peças.

Para a classificação morfológica usámos, sobretudo, a tipologia elaborada em anos recentes para o Estuário do Tejo por um de nós (Sousa 2014), complementada, quando necessário, por outros ensaios precedentes, estabelecidos com base nos conjuntos da Alcáçova de Santarém (Arruda 1999-2000) e da Sé de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez 2000).

No que diz respeito aos fabricos, cabe referir que as peças recolhidas no Porto do Sabugueiro exibem as mesmas características já documentadas em outros sítios regionais, e, em particular, em Lisboa, na Rua dos Correeiros (Sousa 2014: 131): vasos de pasta e superfície cinzenta, mediantemente depurados (Grupo I); fragmentos com núcleos de tom alaranjado e superfícies cinzentas, bem depurados (Grupo II); e peças com núcleo acinzentado e superfícies acinzentadas, bem depuradas (Grupo III).

As formas

Tigelas

Os recipientes abertos e relativamente profundos que classificámos como “tigelas” representam cerca de 44,6% do conjunto de cerâmica cinzenta estudada, correspondendo a 83 fragmentos, alguns dos quais já previamente publicados (Pimenta & Mendes 2008, 2013; Pimenta *et al.* 2014). Alguns detalhes morfológicos permitiram dividir a categoria geral em quatro variantes distintas.

A mais abundante, 1Aa (Sousa 2014: 290), com 53 exemplares registados (28,5%), define-se pelo perfil hemisférico, concavidade das paredes e pelos bordos simples ou, mais frequentemente engrossados. Os seus diâmetros variam em entre os 11 e os 30 cm e a espessura da parede encontra-se entre os 4 e os 7 mm (em peças de maior dimensão). No conjunto recolhido no Porto do Sabugueiro, cabe destacar dois exemplares (n.º 319 e 325 – Fig. 2) que se distinguem dos restantes por apresentarem a parte superior do bordo aplanada. Os restantes são de secção simples ou engrossada.

As tigelas desta variante são muito frequentes na generalidade dos conjuntos de cerâmica cinzenta (Sousa, 2014). No estuário do Tejo, a forma, muito abundante, tem uma longa cronologia de utilização, sendo produzida durante toda a Idade do Ferro atingindo a época romana (Arruda, 1999-2000: 196). Encontra-se documentada em praticamente todos os sítios ocupados quer durante o período orientalizante quer durante os momentos mais tardios do 1º milénio a.C., pelo que consideramos a listagem exaustiva de paralelos desnecessária (Arruda, 1999-2000; Sousa, 2014). Deve, contudo, referir-se que, nos trabalhos de escavação realizados em 2010, esta forma foi recolhida nos níveis inferiores do local, junto ao geológico, em associação a materiais integráveis no período orientalizante (Pimenta & Mendes 2013: 207).

Cabe ainda referir que num dos exemplares desta forma 1Aa é visível, na área interna, uma incisão pós-cozedura que poderá ser interpretada como um elemento não grafemático, podendo estar eventualmente associado a uma marca de propriedade (nº 7600 -Fig. 2).

Também incluída no Grupo 1A do Tejo (Sousa, 2014), a variante 1Ab (menos abundante) distingue-se da anterior pela inclinação das paredes, neste caso mais rectilíneas, que desenham um perfil troncocónico. O bordo tem características semelhantes aos da Variante 1Aa, mas o engrossamento é menos frequente. Os 15 exemplares de tigelas (8,1%) que assim classificámos possuem diâmetros entre os 14 cm e os 22 cm, encontrando-se a espessura entre os 4,5 mm e os 8,5 mm.

O tipo é também menos frequente nos outros sítios do estuário. Na foz foi documentado apenas em Lisboa (Sousa, 2014; Sousa & Pinto, 2016; Sousa & Guerra, 2018), na Quinta do Almaraz, Almada (Henriques, 2006), no Moinho da Atalaia Oeste (Sousa, 2014: 225), em Baútas (Sousa, 2014: 247), Fiat-Alfragide, todos localizados no concelho da Amadora (Sousa, 2014: 256), em Leião, Oeiras (Cardoso *et al.*, 2010-2011) e em Santa Eufémia, Sintra (Sousa, 2014: 266).

No curso médio do estuário a forma está presente no Cabeço Guião, no Cartaxo (Arruda *et al.*: 2015: 327) e na Alcáçova de Santarém (Sousa & Arruda, 2018), ainda na margem direita, mas também no Alto dos Cacos (Sousa *et al.* 2016-2017) e Eira da Alorna (Pimenta *et al.*: 2018), em Almeirim (Sousa *et al.*: 2016-2017; Pimenta *et al.* 2018) e no Alto do Castelo, em Alpiarça (Arruda *et al.* 2014).

Ainda incluído no grupo 1 das tigelas, o vaso de carena média e paredes convexo côncavas n° 146 (Fig. 5) distingue-se por apresentar uma ligeira carena, ainda que esta não altere substancialmente o perfil geral da peça. Exemplares com esta morfologia surgem em Freiria (Cardoso e Encarnação 2013) e no Cabeço Guião (Arruda *et al.* 2017), sugerindo, portanto, uma cronologia da segunda metade do 1° milénio a.n.e. O exemplar de Porto de Sabugueiro (0,5%) apresenta um diâmetro de 16 cm e uma espessura da parede que varia entre os 3 e os 5,5 mm.

A variante 1Ca, de perfil hemisférico, bordo tendencialmente reentrante e engrossado internamente, está representada no Porto de Sabugueiro por 14 exemplares (7,5%), número de algum modo surpreendente, dada a sua escassa representatividade nos sítios do Estuário do Tejo, onde surge apenas em Lisboa, concretamente na Rua dos Correeiros, com um único exemplar (Sousa 2014: 224) e em Oeiras, no sítio de Leião (Cardoso *et al.* 2010/2011). Mesmo em termos peninsulares, esta variante concreta de tigelas foi reconhecida exclusivamente em Medellín, Forma A1c de Llorio (2008), quer na necrópole, quer na “cata este” do Teatro (Almagro Gorbea 1997: 423). Contudo, cabe referir que, recentemente, a forma foi também identificada em Santarém (Sousa & Arruda, 2018).

Em Porto do Sabugueiro, os seus diâmetros oscilam entre 13 e 21 cm e a espessura média da parede é de 5,5 mm.

Forma 1Aa

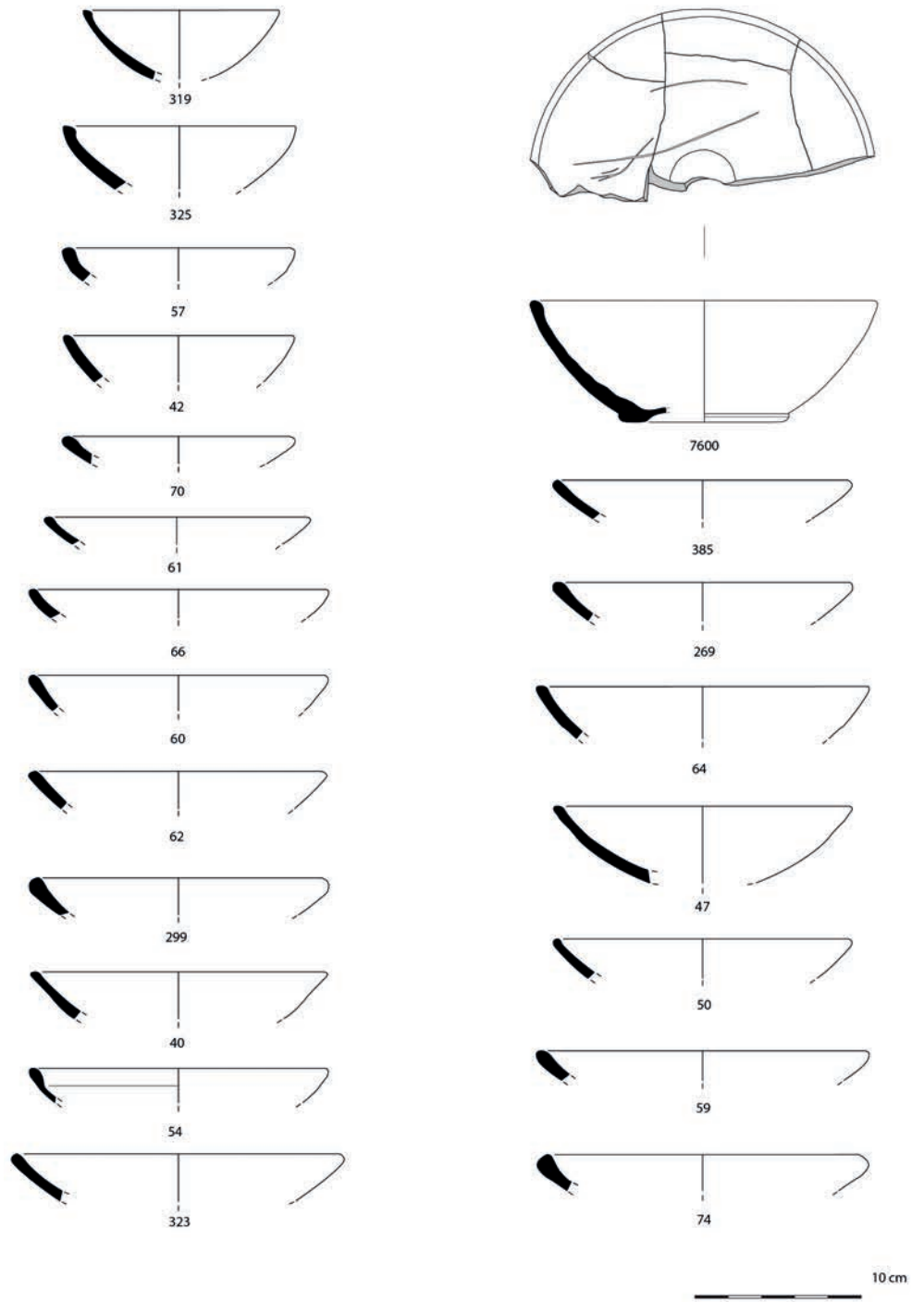
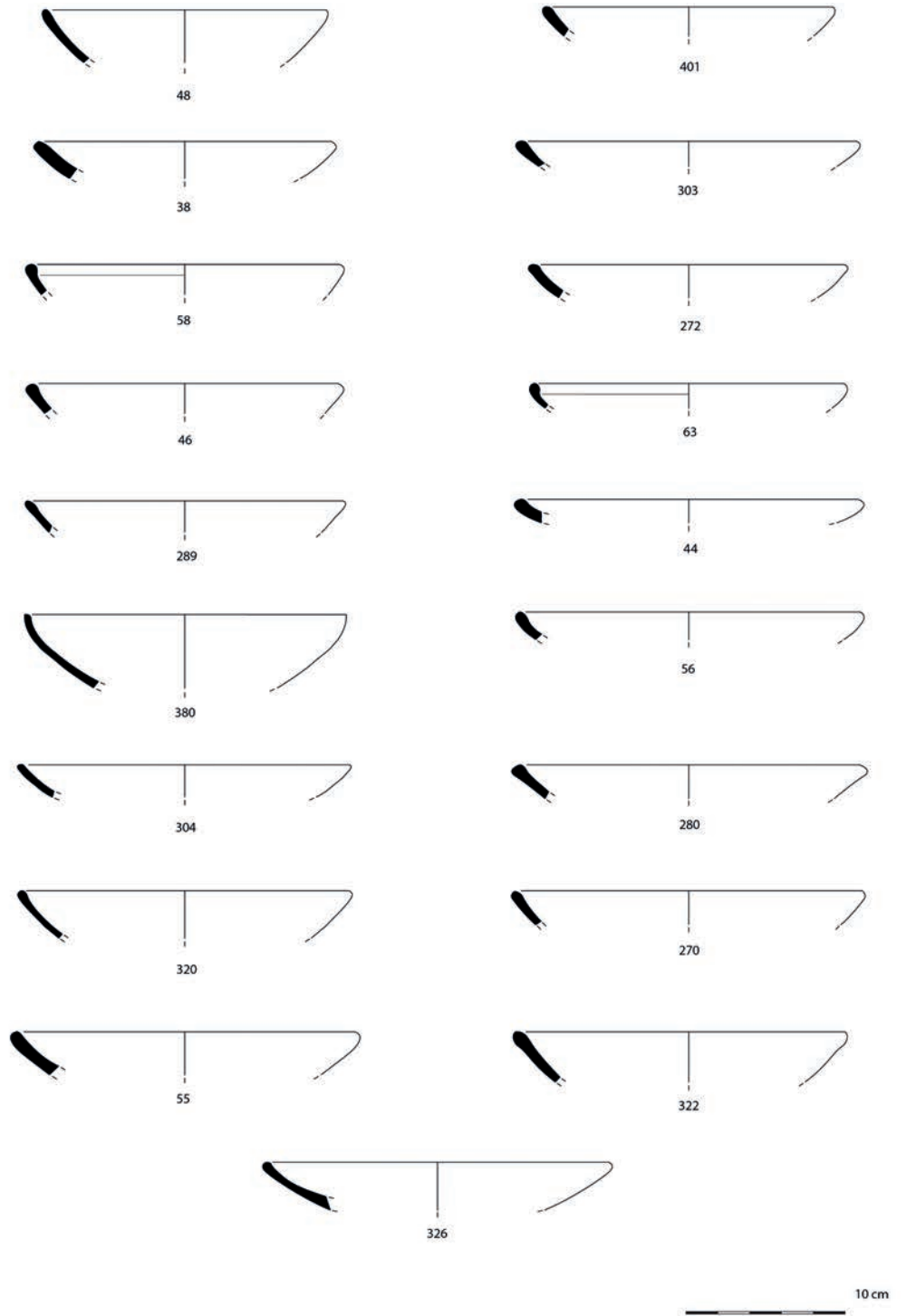


Figura 2
Cerâmica cinzenta do
Porto do Sabugueiro:
forma 1Aa

Figura 3
 Cerâmica cinzenta do
 Porto do Sabugueiro:
 forma 1Aa.



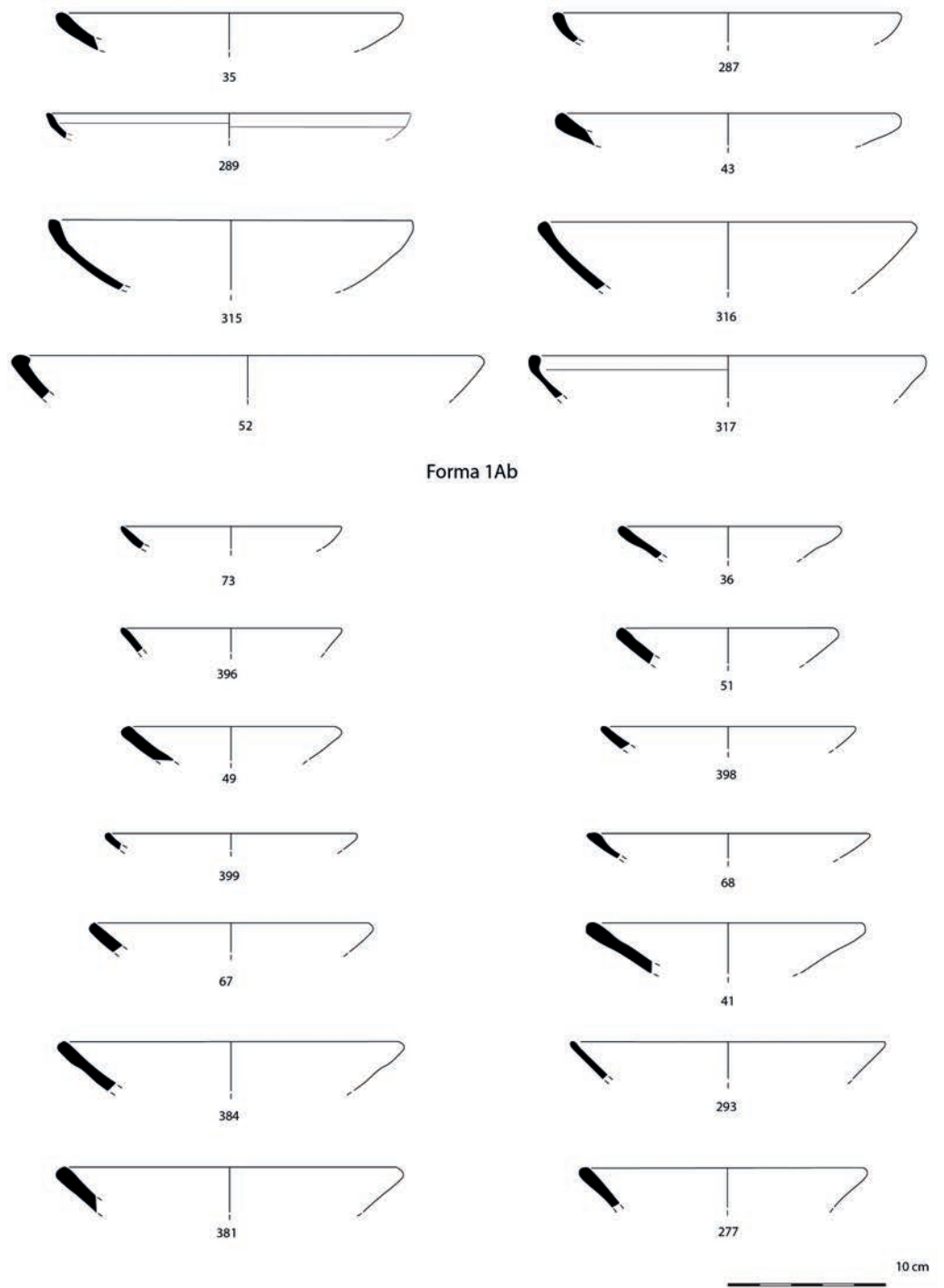
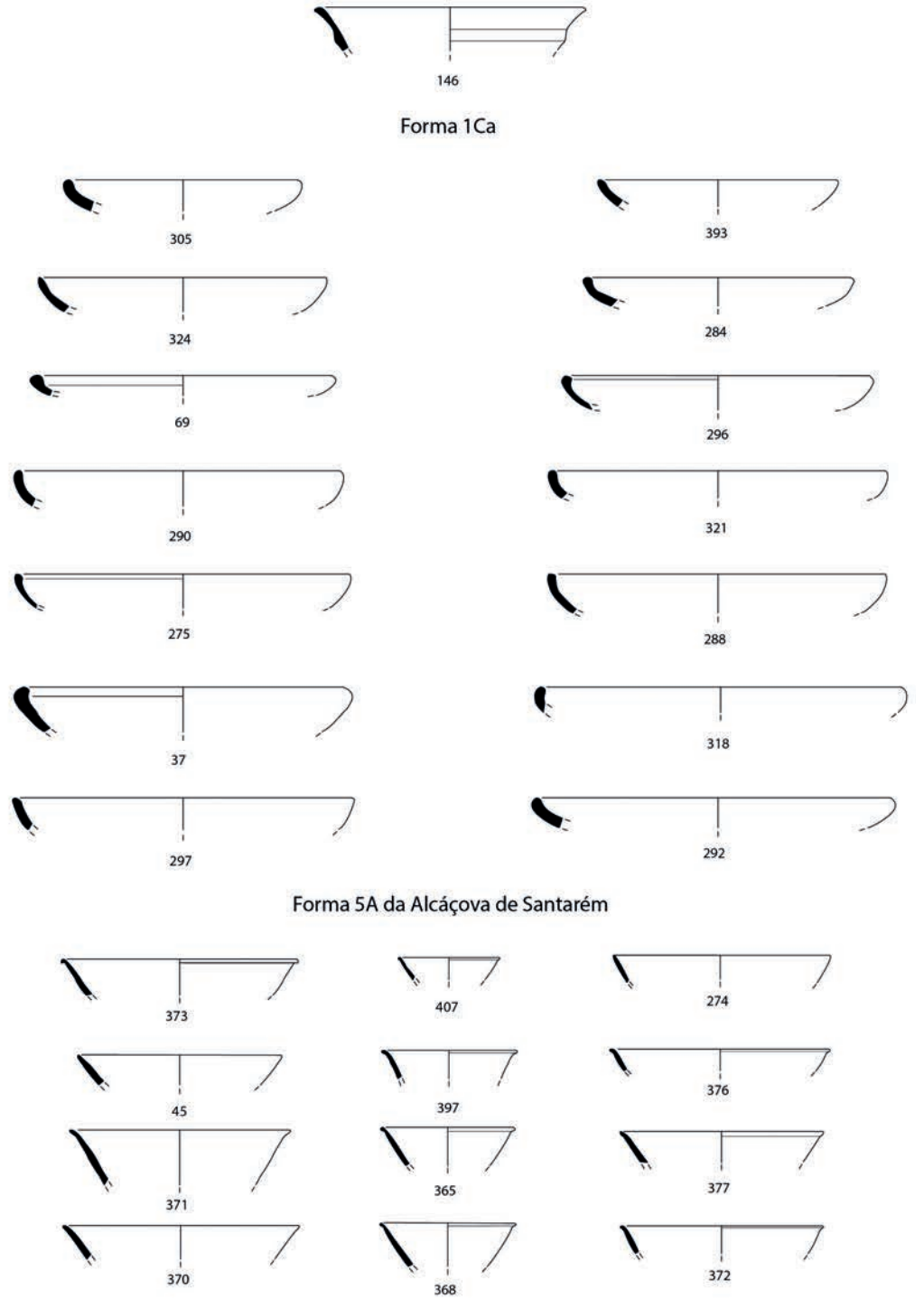


Figura 4
 Cerâmica cinzenta do
 Porto do Sabugueiro:
 forma 1Aa e 1Ab.

Figura 5
 Cerâmica cinzenta do
 Porto do Sabugueiro:
 forma 1Bb, 1Ca e 5A
 de Santarém.



Taças

Classificámos como taças 22 vasos (11,8%) tronco-cónicos, de paredes muito finas e recilíneas e bordo evertido, que foram inseridos na Forma 5A estabelecida para a Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000), fig. 5 e 6. A sua ausência da tipologia criada para o curso final do Tejo fica, muito provavelmente, a dever-se ao facto de esta dizer quase exclusivamente respeito à II Idade do Ferro e de a forma em apreço possuir uma cronologia anterior, possivelmente centrada entre os finais do século VIII e o século VI a.n.e. (Arruda, 1999-2000; Sousa & Arruda 2018). Os diâmetros reduzidos e a escassa capacidade destes recipientes poderiam, eventualmente, indicar uma funcionalidade associada ao consumo de líquidos.

Pratos

Os recipientes abertos e baixos, com paredes tendencialmente horizontais, são escassos no conjunto (dois fragmentos), o que representa 1,1% do conjunto.

Um (n° 375 – Fig. 6), com carena baixa bem vincada, cabe na variante 2Aa de Elisa de Sousa (Sousa 2014: 137), tendo bons paralelos em Lisboa, na Rua dos Correiros (*Ibidem*) e em Almaraz, Almada (Henriques 2006: 51).

O restante (n° 273 – Fig. 6) - não se encontra representado na tipologia de referência, pois possui, eventualmente, uma cronologia um pouco anterior ao século V a.n.e.. Contudo, foi identificado em Lisboa, no Claustro da Sé, onde foi incluído na Forma 2 (Arruda, Freitas & Vallejo-Sánchez, 2000: 32), e na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado & Leitão 2005), podendo a forma ser datada em qualquer destes dois locais dos séculos VII/VI a.n.e. Mais recentemente, na Alcáçova de Santarém, esta morfologia foi identificada em contextos da segunda metade do século VII a.C. e também da segunda metade da centúria seguinte (Sousa & Arruda, 2018), estando no Largo de Santa Cruz do Castelo, em Lisboa, representada em níveis datados em torno à primeira metade do século VI a.C. (Sousa & Guerra, 2018). Não pode deixar de referir-se que esta mesma forma terá sido inspirada pelos protótipos de cerâmica de engobe vermelho (Sousa & Guerra, 2018: 69), categoria na qual atingiu, pelo menos, o século V a.n.e. (Sousa, 2014: 121).

O único exemplar de Porto do Sabugueiro corresponde então a um fragmento de bordo, horizontal e aplanado, com 22 cm de diâmetro, estando a ligação do bordo à parede externa marcada por uma concavidade.

Pequenos potes

São 15 os recipientes fechados, com dimensões reduzidas e colo tendencialmente estrangulado, que foram designados pequenos potes.

A grande maioria (14 fragmentos – 7,5%) é facilmente integrada na Série 3 de Sousa (2014: 137-140), na variante 3Ba, ainda que esta classificação seja feita com algumas reservas no caso da peça n.º 392 (Fig. 6), que talvez poderia ser igualmente integrada no tipo 3Aa, uma vez que o colo é um pouco mais curto. Ainda assim, a sua semelhança com os restantes exemplares fez pender a classificação para o tipo 3Ba. Esta morfologia inclui vasos com um corpo de tendência elipsoidal, colos altos definidos por paredes concâvas, de tendência vertical, separados do corpo por um ressalto. Os bordos são evertidos, simples e contínuos. Os diâmetros das peças de Porto do Sabugueiro variam entre os 10 cm e os 14 cm e a espessura da parede é, em média, 4,5 mm.

Esta forma foi identificada em Lisboa, na Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 139), na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado & Leitão, 2005: 12), Largo de Santa Cruz do Castelo (Sousa & Guerra, 2018), Rua do Recolhimento/Beco do Leão (Sousa & Pinto, 2016) e na Rua da Madalena (Sousa, Sarrazola e Simão, 2016). A Ocidente está documentada no concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste (Sousa, 2014: 227), Baútas (Sousa, 2014: 248), Moinhos do Filipinho (Sousa, 2014: 256), Casal de Vila Chã Sul (Sousa, 2014: 257), em Oeiras, em Leião e Outorela (Cardoso et al., 2010/2011 e 2014), em Sintra, em Santa Eufémia (Sousa, 2014: 267) e na “Sepultura do Rei Mouro” (Sousa, 2014: 275), e em Freiria, em Cascais (Cardoso e Encarnação, 2013). No curso médio do estuário, registou-se no Cabeço Guião, Cartaxo (Arruda *et al.* 2015: 327), na margem direita, e no Alto dos Cacos (Sousa *et al.*, 2016-2017) e Eira da Alorna (Pimenta *et al.*: 2018), em Almeirim, e no Alto do Castelo, em Alpiarça, na esquerda (Arruda *et al.* 2014; Sousa *et al.* 2016-2017: 24; Pimenta *et al.*, 2018).

A ausência deste tipo de potes em conjuntos mais antigos, como o do Claustro da Sé, por exemplo, sugere o aparecimento da forma em torno ao século V a.n.e., tornando-a um importante marcador (Sousa, 2014: 140). Esta mesma cronologia está suportada, no território actualmente português, por contextos exteriores ao do Tejo, concretamente o de Santa Olaia, no Mondego, sítio em que foram associados a “horizontes da II Idade do Ferro” (Pereira, 2009: 76).

No grupo dos pequenos potes incluímos ainda uma outra peça de colo curto e estrangulado (0,5%), bordo evertido e corpo esferoidal (n° 350 – Fig. 7), que não é integrável na tipologia desta categoria cerâmica definida para o estuário do Tejo. Porém, cabe na forma 7 da Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999/2000: 201).

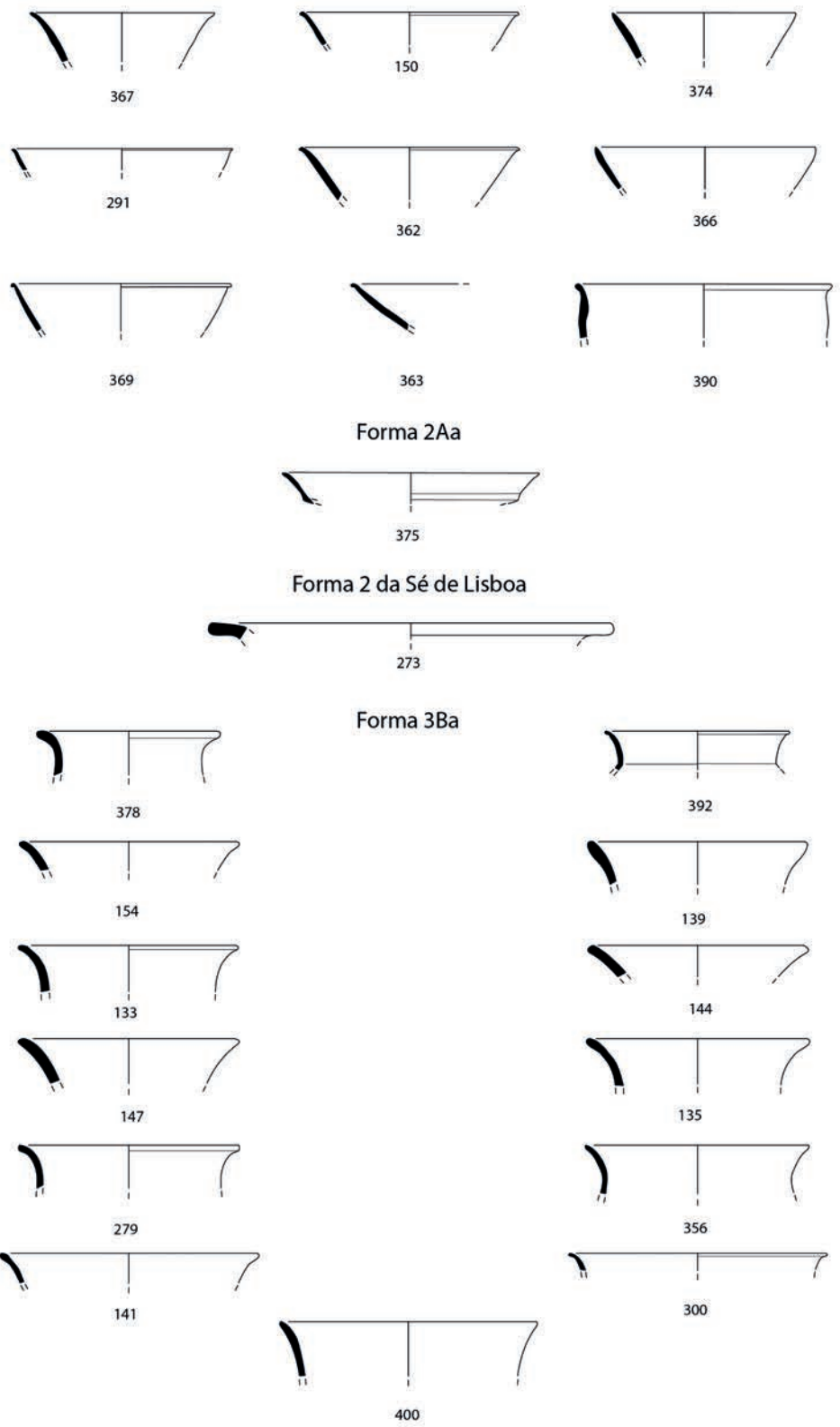
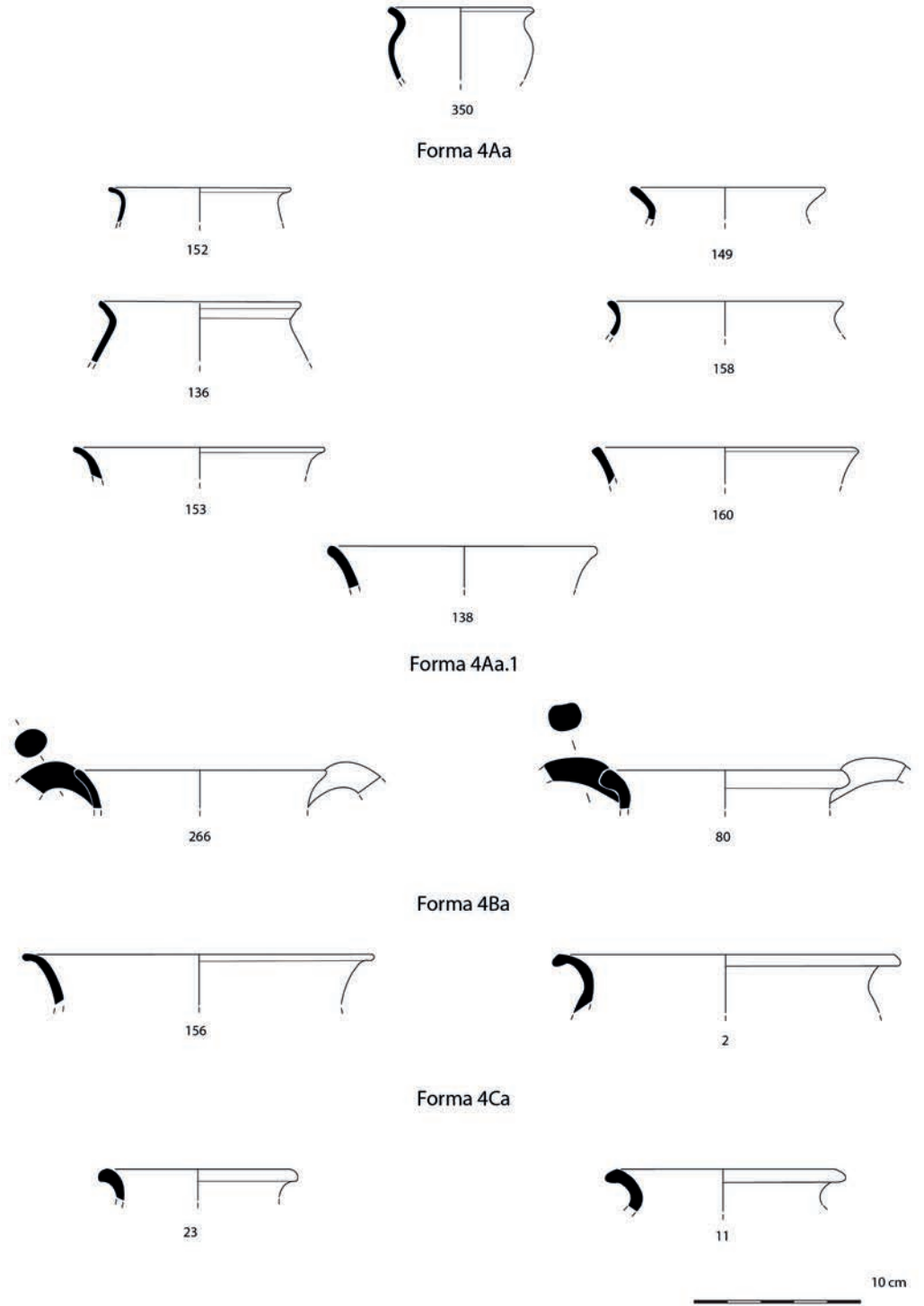


Figura 6
 Cerâmica cinzenta do Porto do Sabugueiro: forma 5A de Santarém, forma 2 da Sé de Lisboa e forma 3Ba.

Figura 7

Cerâmica cinzenta do Porto do Sabugueiro: forma 7 de Santarém, forma 4Aa, 4Aa.1, 4Ba e 4Ca.



Potes

Os potes, recipientes fechados de perfil em S, com corpo globular, colo mais ou menos alto, de paredes côncavas e bordo evertido (Série 4 do estuário do Tejo), estão em Porto do Sabugueiro representados por 26 exemplares, o que corresponde a 14% do conjunto.

Sete fragmentos de bordo (3,8%) puderam ser recolhidos na variante 4Aa, recipientes de colo curto e estrangulado, com paredes côncavas, corpo tronco-cónico, bordo simples contínuo e evertido.

No contexto do estuário do Tejo, os potes com esta morfologia concreta documentam-se em Lisboa, especificamente no complexo da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 141), na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005) e no Largo de Santa Cruz do Castelo (Sousa e Guerra, 2018). Estão também representados na Quinta do Almaraz, em Almada (Henriques, 2006), em Fiat-Alfragide, Amadora (Sousa, 2014: 259), Eira da Alorna, Almeirim (Pimenta *et al.* 2018) e Santarém (Sousa e Arruda, 2018). Ainda a esta variante pertencem outros dois fragmentos (1,1%), que puderam ser, mais especificamente, incorporados na sub-variante para ela criada para o Estuário do Tejo (Sousa, 2014: 141), a 4Aa.1, que se caracteriza por apresentar asas que arrancam do bordo. Esta sub-variante é rara, surgindo em Lisboa, na Rua dos Correeiros, com um exemplar único (*Ibidem*), em Outorela (Cardoso *et al.* 2014) e na Quinta do Almaraz, onde está também sub-representada (Henriques, 2006: 15). Para além destes sítios da foz do estuário, a mesma sub-variante foi encontrada no Cabeço Guião, Cartaxo (Arruda *et al.* 2017: 327).

A variante 4Ba de Sousa (2014: 142) está representada por dois exemplares (1,1%), um dos quais (n.º 156 – Fig 7) classificado com algumas reservas. A forma não é frequente em Lisboa ou nos Moinhos da Atalaia, onde foi também identificada (Sousa, 2014: 228). Os colos são altos, largos e cilindróides e os bordos são evertidos e ligeiramente engrossados.

Também raros são os potes que se podem incluir no Grupo 4C, mais concretamente na variante 4Ca, de bordo muito evertido e engrossado, e colo muito curto e estrangulado, apesar das dimensões reduzidas destes (diâmetros de 11 a 13 cm) comparativamente com os dos seus paralelos formais (20 cm de diâmetro, em média). Porto do Sabugueiro ofereceu dois únicos exemplares (1,1%). A forma foi documentada na Rua dos Correeiros e na Travessa do Chafariz d'el Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014), em Lisboa, (Sousa, 2014: 142-3) e nas Baútas, na Amadora (Sousa, 2014: 249). Na Alcáçova de Santarém, a forma também foi identificada (Arruda, 1999-2000: 200), bem como em Almaraz (Henriques 2006: 57). Fora do Estuário do Tejo, destaca-se Abul, em Alcácer do Sal (Mayet & Silva, 2000: 198), e na Extremadura espanhola foi encontrada a necrópole de Medellín (Llorio, 2008: 710), em contextos do século VII a.n.e.

Neste grande grupo morfo-funcional devem ainda ser incluídos outras morfologias que não se enquadram nas tipologias existentes para o cenário regional (4,8%). Trata-se sobretudo de formas fechadas de média dimensão, que parecem ter sido utilizadas para o armazenamento, podendo enquadrar-se, em linhas muito gerais, no tipo 4 do estuário do Tejo (Sousa, 2014).

Dois dos exemplares (n.º 18 e 1 – Fig. 8) poderiam incluir-se na variante 4Aa, ainda que as suas dimensões sejam um pouco mais amplas. Também um dos vasos que apresenta uma asa interna (n.º 338 – Fig. 8) poderia integrar-se numa sub-variante desta mesma forma.

Outros dois exemplares (n.º 21 e 8 – Fig. 8), apresentam o colo mais alto e desenvolvido, sendo os bordos evertidos e, em um dos casos, bem assinalado exteriormente (n.º 21). Estes poderiam, eventualmente, enquadrar-se no grupo 4C (Sousa, 2014). A mesma situação poderia aplicar-se ao exemplar de lábio pendente (n.º 16 – Fig. 8).

O vaso n.º 14 (Fig. 8) parece corresponder a um vaso de forma globular, sendo o bordo de secção arredondada, e exibindo uma canelura na parte superior do corpo.

Os restantes dois exemplares (n.º 334 e 347 – Fig. 8) que, à semelhança da peça n.º 338 (Fig. 8), apresentam uma asa interna, de secção circular são também de difícil classificação, atendendo ao seu estado de fragmentação, mas parecem, ainda assim, integrar-se no grupo dos potes, sendo os paralelos mais próximos encontrados na Quinta do Almaraz (Henriques, 2006: 59).

Cabe ainda referir que estas várias morfologias se aproximam dos tipos produzidos em outras categorias, muito especificamente de cerâmica comum (Sousa 2014).

Jarros

Esta categoria integra vasos fechados, com um colo geralmente estrangulado, utilizados no serviço de mesa, para servir líquidos. Foram identificados treze fragmentos que fizemos corresponder a esta forma, o que representa cerca de 7% do conjunto. Algumas destas peças foram já estudadas em trabalhos anteriores (Pimenta & Mendes 2008, 2013; Pimenta *et al.* 2014), mas pensamos ser justificável a sua inclusão neste trabalho de síntese.

Atendendo a algumas particularidades morfológicas, distinguimos três variantes, tendo apenas uma delas paralelo na tipologia elaborada para a foz do Estuário do Tejo (Sousa 2014: 292). Trata-se, neste último caso, da variante 5Aa (n.º 98 e 349 – Fig. 8), que engloba jarros de corpo com tendência globular, geralmente apresentando uma asa de secção circular que arranca do bordo e termina na zona superior da pança. As quatro peças desta forma do Porto do Sabugueiro (2,2%) têm bordos simples, evertidos e os colos um perfil suave e tronco-cónico, estando separados do corpo por um ressalto (Sousa, 2014). Os exemplares de Porto do Sabugueiro possuem diâmetros de bordo entre os 6,8 e os 11,4 cm, variando a espessura das paredes entre os 3 e os 6 mm.

Na área em apreço, este tipo de jarro foi identificado no Largo de Santa Cruz do Castelo, em Lisboa (Sousa e Guerra, 2018: 79), em Moinho da Atalaia, Amadora (Sousa, 2014: 228) e no Cabeço Guião, Cartaxo (Arruda *et al.* 2015: 237) tendo algumas semelhanças com os jarros de Gamelas 3 e Outorela I (Cardoso e Silva, 2013; Cardoso *et al.*, 2014), ainda que estes apresentem um maior número de caneluras na área do colo.

Outros seis fragmentos (n.º 137, 159, 267, 5, 6 e 3 – 3,2%) (Fig. 8) parecem integrar-se também na categoria de jarros, ainda que se diferenciem dos anteriores pela sua dimensão e também pela presença de um colo bastante mais desenvolvido. Ainda que o estabelecimento de paralelos directos não seja fácil, cabe destacar a sua semelhança com formas documentadas na Alcáçova de Santarém (Sousa e Arruda, 2018: 75), em contextos da segunda metade do século VI a. C., e em Lisboa, no Largo de Santa Cruz do Castelo, em níveis com idêntica cronologia (Sousa e Guerra, 2018: 75).

No conjunto de materiais de Porto do Sabugueiro foi possível identificar também três fragmentos de jarro de bordo trilobado (1,6%), com bons paralelos no jarro recuperado na Rua de São João da Praça em Lisboa (Pimenta, Calado & Leitão 2005: 14), fig. 9. A forma caracteriza-se justamente pelo bocal trilobado, de lábio simples esvasado, e pelo

colo curto, que ostenta, geralmente, caneluras suaves. No conjunto estudado, apenas um (nº 15 – Fig. 9) apresenta as referidas caneluras. O diâmetro do bordo varia entre os 8,4 e os 10 cm e a espessura média da parede é de cerca de 4,5 mm.

Ainda que a cronologia desta forma esteja sistematicamente associada a níveis de cronologia romano-republicana, os dados estratigráficos da Rua de São João da Praça permitem propor uma origem algo anterior à presença romana no estuário do Tejo para estes recipientes (Pimenta, Calado e Leitão, 2005: 319-320), situação que terá de ser ainda confirmada através de outros conjuntos artefactuais bem contextualizados. Contudo, a possibilidade destes jarros terem, efectivamente, uma génese pré-romana condicionou a sua inclusão no presente trabalho.

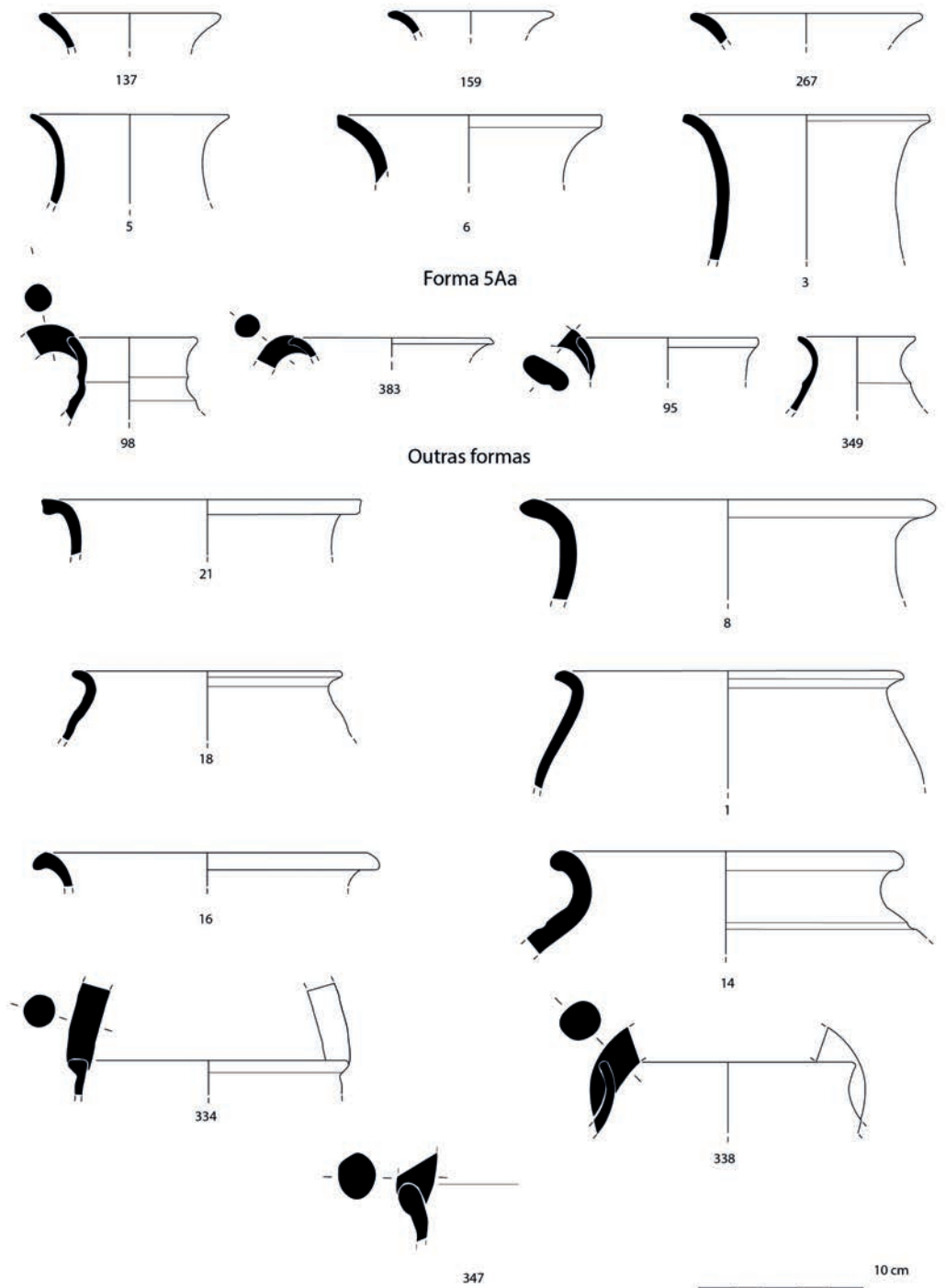
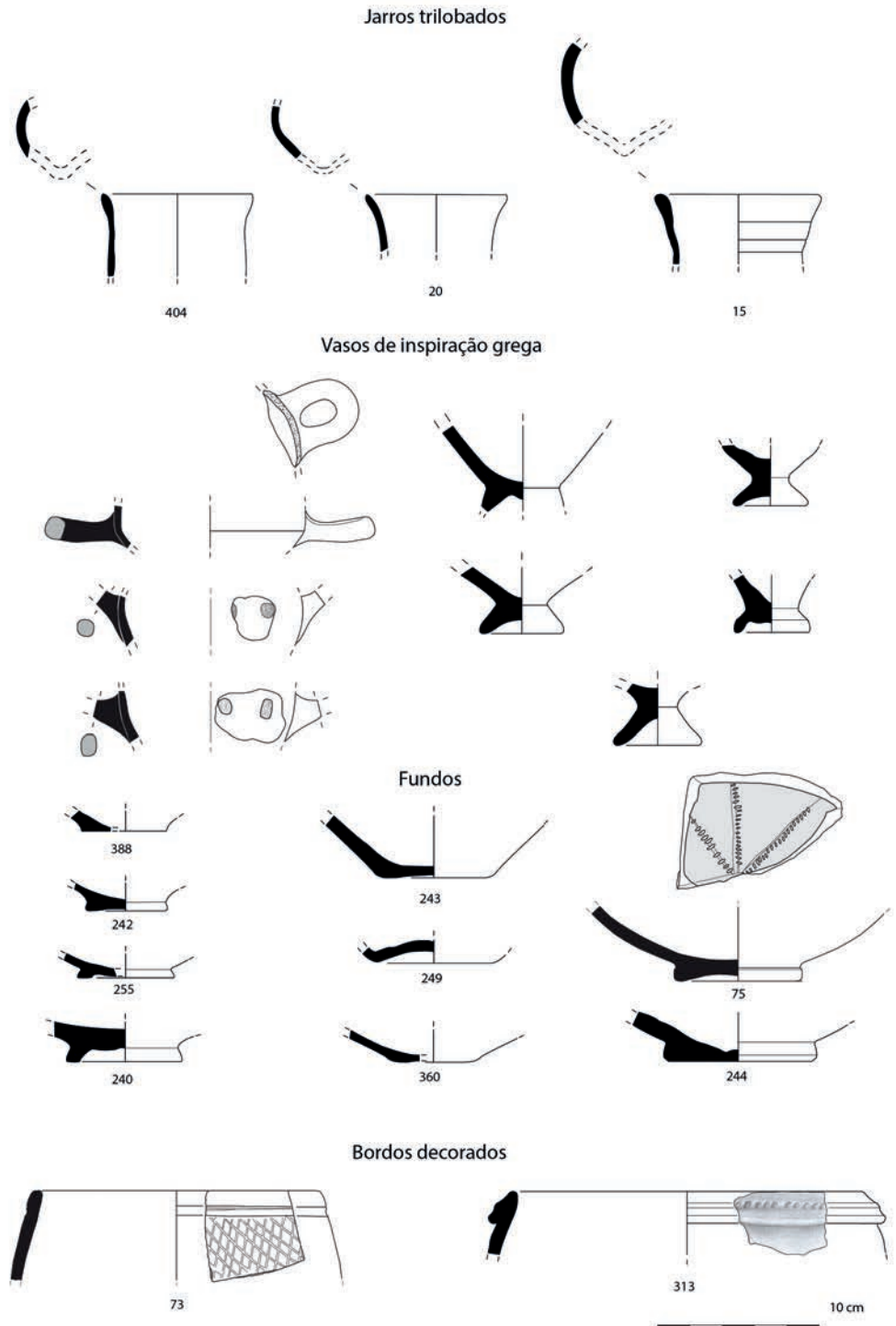


Figura 8
 Cerâmica cinzenta do
 Porto do Sabugueiro:
 jarros, forma 5Aa e
 outras formas.

Figura 9

Cerâmica cinzenta do Porto do Sabugueiro: jarros trilobados, vasos de inspiração grega, fundos e bordos decorados.



Vasos de inspiração grega

Entre a cerâmica cinzenta do Porto do Sabugueiro contam-se ainda alguns fragmentos que parecem corresponder a morfologias que sofreram influências de protótipos de cerâmica grega (2,7%). Trata-se de um conjunto que já foi alvo de publicações anteriores (Sousa, 2016; Sousa & Pimenta, 2017), mas justifica-se, ainda assim, a sua inclusão no presente trabalho. Correspondem a fragmentos de vasos de perfil carenado, com fundos de pé alto e asas horizontais sub-circulares, sendo esta última característica aquela que mais directamente permite uma associação aos protótipos gregos. Parecem corresponder a produções bastante tardias, eventualmente já das fases finais da Idade do Ferro (Sousa, 2016; Sousa e Pimenta, 2017). Até ao momento, estes vasos foram documentados, para além do Porto do Sabugueiro, em Lisboa (Pimenta, Calado e Leitão, 2014; Pimenta et al. 2014; Fernandes e Coroado, no prelo), em Santarém (Arruda, Viegas e Almeida, 2002) e na Lapa do Fumo, em Sesimbra (Arruda e Cardoso, 2013).

Formas indeterminadas

Para além dos materiais integrados nas categorias anteriormente apresentadas, existe ainda um conjunto de muito significativo de 143 fragmentos que não foi possível integrar em nenhuma tipologia concreta. Trata-se de bordos (17 exemplares), fundos (32 exemplares) e asas (94 exemplares).

Relativamente aos fundos, deve deixar-se registado que alguns são em anel, sugerindo cronologias avançadas dentro da Idade do Ferro, e outros são em ônfalo. A maioria, porém, é plana ou ligeiramente convexa, estando, por vezes, o pé indicado.

Os 94 fragmentos de asa possuem perfis ovalados ou circulares, mas quatro deles possuem secção bifida, podendo ter pertencido a morfologias fabricadas durante o período orientalizante em cerâmica cinzenta.

Fragmentos decorados

São escassas as decorações registadas sobre a cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro. Os fragmentos são apenas dezasseis: três bordos (considerados como dois indivíduos), dez paredes, um fundo, uma asa e um possível elemento coroplástico. Alguns destes exemplares foram já alvo de publicação anterior (Pimenta & Mendes 2008, 2013; Pimenta et al. 2014) mas pareceu-nos pertinente introduzi-los no presente estudo, de forma a obter uma leitura mais geral do conjunto.

Em três paredes (n.º 1107, 1099 e 1103 – Fig. 10), são visíveis traços incisos: um (n.º 1107) não permitiu qualquer leitura da composição, outro (n.º 1099) apresenta linhas zigzaguiantes na área externa, e o restante (n.º 1103) exhibe motivos sub-triangulares. Outras quatro (n.º 274, 1102, 252 e 1104 – Fig. 10) fizeram, muito provavelmente, parte de jarros, trilobados, uma forma que já tinha sido documentada no local (Pimenta & Mendes 2008, 2013). São praticamente idênticos aos que se encontraram na Rua de São João da Praça e que já acima comentámos no que se refere à cronologia. A decoração, reticulada, foi conseguida por brunimento e, neste caso, ocupa a parte superior do corpo, que, em um caso, se separa do colo através de ressalto. À mesma forma podemos associar talvez vários dos fragmentos de asas de secção circular, dois dos quais, talvez pertencentes à mesma peça, com decoração impressa na área superior (n.º 1096 – Fig. 10).

Como se referiu, este tipo de recipiente destinado ao serviço de líquidos data sobretudo de época romana-republicana, mas a sua presença em níveis sem quaisquer importações itálicas na Rua de São João da Praça em Lisboa (Pimenta, Calado & Leitão 2005: 319-320, Fig. 9) permite admitir uma cronologia ainda do final da Idade do Ferro (século III a.n.e.).

As formas a que terão pertencido os outros dois fragmentos de parede, com decoração estampilhada, não são identificáveis. Mas as peças merecem menção, justamente porque esta técnica decorativa, composta por motivos circulares de maior (n.º 1116) e menor (n.º 1114) dimensão recolhe, contudo, paralelos no Cabeço Guião (Arruda *et al.* 2017), cuja cronologia foi estabelecida entre os séculos IV e III a.n.e., ainda que a sua presença em momentos posteriores, já de fase romano-republicana, seja também conhecida.

Os três fragmentos de bordo decorados pertencem a recipientes fechados, mas cujas morfologias se afastam dos repertórios conhecidos para a Idade do Ferro. A ausência de dados contextuais impossibilitam determinar se estas formas, de bordo reentrante e perfil tendencialmente esférico, podem pertencer ainda à fase pré-romana ou se devem ser já integradas numa cronologia mais avançada, Fig. 9.

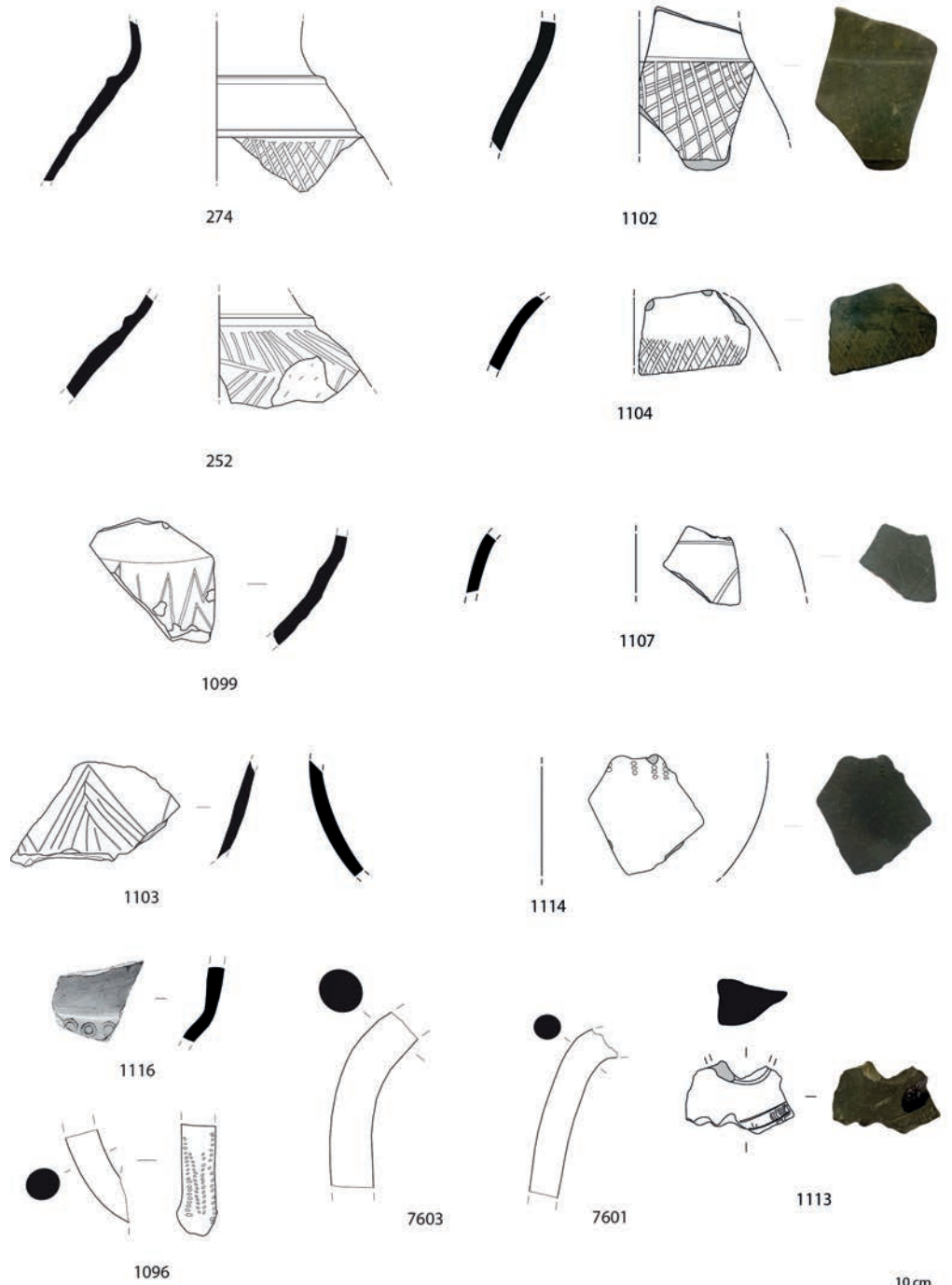
Contudo, num dos casos, é visível um cordão plástico no lábio, sobre o qual foram incisos traços oblíquos, decoração idêntica à que foi documentada na galeria da nascente do Almonda (Tente & Lourenço 2016: 145, Fig. 3 e 4) e que foi adstrita à Idade do Ferro.

A decoração dos restantes dois fragmentos de bordo (pertencentes seguramente ao mesmo vaso, que já foi alvo de publicação anterior – Pimenta & Mendes 2008: 187 – n.º 42) incide também na área superior, sendo constituída por um reticulado delimitado por caneluras que definem pequenos losangos (n.º 73, Fig. 9).

O fragmento de fundo com decoração impressa na superfície interna foi também já publicado num trabalho anterior (Pimenta & Mendes 2008: fig. 16), sendo contudo, provável que este possa integrar já a fase romano-republicana, tal como foi indicado no estudo referido, (n.º 75, Fig. 9).

Muito mais problemático é o caso do fragmento n.º 1113 (Fig. 10) que não conseguimos classificar formalmente. Pode tratar-se de um recipiente coroplástico, mas a existência do que parece ser um bico vertedor também poderia indicar a presença de um *Kernos*, o que, neste contexto, será difícil de admitir. Referiria-se a decoração com traços incisos abaixo do referido bico.

Figura 10
 Cerâmica cinzenta do
 Porto do Sabugueiro:
 fragmentos
 decorados, asas e
 coroplastia.



Testemunho de literacia?

Como já se referiu, Porto do Sabugueiro foi alvo de acções de prospecção, umas autorizadas e enquadradas do ponto de vista científico, outras ilegítimas, desde pelo menos as primeiras décadas do século XX, situação que, aliás, permanece até à actualidade. Esta realidade resultou na existência de colecções apreciáveis de materiais dispersos por várias instituições, mas também na posse de privados. Entre estas últimas, conta-se um fragmento de cerâmica cinzenta com uma inscrição segmentada, incisa pós-cozedura, na parede interna, cuja forma não podemos adiantar, tudo indicando, contudo que se trata de um vaso aberto, muito provavelmente uma tigela ou prato. A peça está desaparecida, possuindo-se apenas uma imagem, concretamente uma fotografia (Fig. 11).²

Restam dois signos, um dos quais completos e outro quase completo, havendo sinais de um terceiro, mais à direita, de que se conserva apenas um pequeno traço. Os dois signos fazem parte do semi-silabário do Sudoeste, correspondendo o primeiro ao conjunto silábico *ti* (signo 17 de Espanca) e o segundo à vogal *i* (signo 5 do signário de Espanca). Assim, uma das características definidoras por excelência da escrita do Sudoeste, concretamente o carácter redundante da vogal a seguir ao caractere silábico, encontra-se aqui representada, o que merece ser devidamente destacado.

Esta peça, infelizmente truncada, representa, no território actualmente português, a evidência mais a norte deste sistema de escrita, cuja finisterra era, até agora, o estuário do Sado, facto que por si só é de realçar. Mas outras questões podem e devem ainda ser mencionadas, sobretudo porque parece possível admitir que a inscrição, ainda para mais pós-cozedura, se relaciona também com a língua que seria falada e que a escrita reflecte. Por outro lado, as descobertas recentes de inscrições em língua e caracteres fenícios em Lisboa (Zamora, 2014; Neto *et al.* 2016) colocam inevitavelmente a questão do bilinguismo e, assim, do multiculturalismo da região do vale do Tejo durante da Idade do Ferro. De facto, se admitirmos que uma e outra traduzem entidades étnicas distintas, que falam línguas diferenciadas, uma local (a do Sudoeste) e outra exógena (a fenícia), esse multiculturalismo deve ser assumido sem qualquer preconceito. Contudo, não podemos deixar de referir que associar étnica e linguisticamente esta região com a do Baixo Alentejo e Algarve, assim como parte da Extremadura espanhola, é assumir a existência de uma entidade cultural única, com uma dimensão geográfica que parece largamente excessiva.

A propósito da peça de Porto do Sabugueiro deve ainda mencionar-se que o grafito poderá corresponder a uma marca de propriedade. Neste contexto, parece impossível também ignorar que a presença deste tipo de grafito epigráfico nas superfícies internas de tigelas ou pratos de cerâmica cinzenta é comum, podendo chamar-se à colação os dois exemplos da necrópole de Medellín (Almagro Gorbea 2008: 754-755, 758) ou o de Abul (Mayet & Silva 2000: Fig. 41, nº 310; 261-264).

² Agradecemos a Gonçalo Lopes pela informação e cedência da imagem.



Figura 11
Fragmento de
cerâmica cinzenta
com inscrição.
Fotografia Gonçalo
Lopes

3. Comentários finais: a cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro no contexto do Estuário do Tejo

Apesar dos condicionalismos que as circunstâncias de recolha destes materiais impõem a qualquer análise mais aprofundada, parece inegável que a cerâmica cinzenta da Idade do Ferro está muito bem representada em Porto do Sabugueiro.

Tal como na Rua dos Correiros, bem como na generalidade dos sítios com ocupação da Idade do Ferro do Estuário do Tejo, e não só, a forma mais abundante é a tigela, que representa 44,6% da totalidade do conjunto identificável, sendo a variante 1Aa a mais comum. Os potes são ainda significativos (14%), mas os “pequenos potes” estão pouco representados no conjunto, correspondendo apenas a 8% da amostra

estudada. Os jarros e os pratos são as formas menos bem frequentes, facto que é também recorrente em outros sítios (Fig. 12).

Estes dados permitem tecer algumas considerações nomeadamente acerca da cronologia da ocupação antiga de Porto de Sabugueiro. Neste âmbito, deve realçar-se a presença significativa das pequenas taças 5a da tipologia elaborada para a Alcáçova de Santarém, sítio onde estão documentadas nas fases mais antigas (séculos VII a VI a.n.e.) (Arruda, 1999-2000: 201). Assinale-se ainda que este tipo específico de taça se encontra ausente dos contextos da Rua dos Correiros, contextos que foram datados entre o século V e os inícios do século IV a.n.e. (Sousa 2014).

A mesma situação se verifica para o “pequeno pote” da Forma 7 e para o prato da 2, de Santarém, este último documentado em Lisboa entre os materiais do século VI a.n.e. do Claustro da Sé (Arruda, Freitas e Vallejo-Sánchez, 2000: 46) e do Largo de Santa Cruz (Sousa & Guerra, 2018), e também em Santarém em níveis datados entre os meados do século VII e os meados da centúria seguinte (Sousa e Arruda, 2018). A ausência de ambos nos sítios ocupados na 2ª metade do 1º milénio a.n.e. não deixa de ser significativa, pelo que representa.

A cerâmica cinzenta confirma assim os dados já existentes acerca de uma ocupação sidérica antiga do sítio (pelo menos século VII e VI a.n.e.), facto que estava já demonstrado por outros materiais, como os escaravelhos (Pereira, 1975), os vasos pintados em bandas (*pithoi* e urnas Cruz del Negro) e alguma cerâmica comum, concretamente as trípodes (Pimenta *et al.*, 2014).

Na outra ponta da sequência cronológica da Idade do Ferro, encontram-se os momentos tardios, séculos IV e III a.n.e., representados pelos jarros da Forma 5Aa, presente, por exemplo, em Moinhos da Atalaia Oeste, mas ausente da Rua dos Correiros (Sousa, 2014).

Um outro tipo de comentário diz respeito à função que os vasos desta categoria cerâmica desempenharam no contexto da ocupação da Idade Ferro do sítio em apreço.

É consensual entre a comunidade científica que a cerâmica cinzenta foi usada para o serviço de mesa, utilização que quer as formas quer o tratamento das superfícies deixam antever.

O conjunto de cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro não coloca quaisquer dificuldades na assumpção dessa mesma função em termos locais. A exceção é constituída pelo surpreendente número de potes de maiores dimensões, que, aliás, não tem paralelo em outros coevos sítios, mesmo nos da área do Estuário do Tejo. Estes foram certamente utilizados aqui no armazenamento de produtos alimentares, líquidos ou sólidos.

Como já referimos antes, as formas integradas na categoria das tigelas, tipos 1Aa, 1Ab, 1Bb e 1Ca, são as mais bem representadas no conjunto, tendo sido, certamente, utilizadas para o consumo individual de alimentos coloides à mesa. O mesmo uso individual seria dado aos pratos, estes muito mais escassos, que serviriam para os sólidos.

As pequenas taças, forma 5A da Alcáçova de Santarém, e os “pequenos potes” da forma 7 da mesma seriação tipológica, devem ter sido utilizadas para a ingestão de líquidos, funcionando como copos, como já foi anteriormente proposto (Arruda, 1999-2000: 203). Os jarros destinavam-se, evidentemente, ao serviço de líquidos.

Os restantes potes (Formas 4Aa, 4Aa.1, 4Ba, e ainda algumas outras formas que não se integram na tipologia existente para este quadro regional) não corresponderão, certamente, a recipientes de serviço de mesa, como já foi mencionado atrás, podendo admitir-se que tenham sido usados no armazenamento de produtos alimentares.

Esta realidade documenta uma situação que, por evidenciar profundas divergências relativamente ao Bronze Final, pode ser interpretada no quadro da incorporação de novos hábitos alimentares, consumidos maioritariamente de forma individual, que podem ser consequência directa da profunda orientalização que a área do estuário do Tejo sofreu a partir dos inícios do 1º milénio a.n.e..

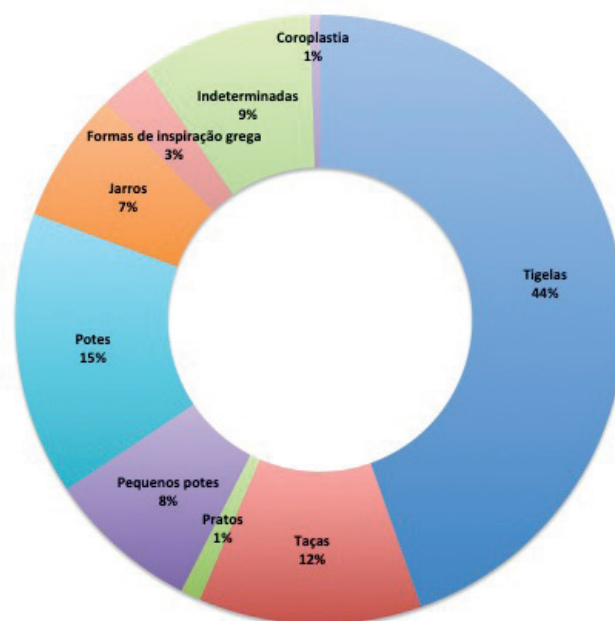


Figura 12
Gráfico de distribuição das formas de cerâmica cinzenta do Porto do Sabugueiro (base NMI).

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. (2008) – *La necrópolis de Medellín: Estudio de los Hallazgos*. Real Academia de la Historia, vol. 26.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC e Universidade de Valência.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, nº 5-6).
- ARRUDA, A. M. (2005) – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: Geografias e cronologias. In *Actas del III Simpósio Internacional de arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Periodo Orientalizante*. Volume I. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida, p. 277-303.
- ARRUDA, A. M.; CARDOSO, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, p. 731-754.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* .[S.l.]: DGPC. Volume 3, nº 2, p. 25-59.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; PIMENTA, J.; SOUSA, E.; MENDES, H.; SOARES, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *CuPAUAM*. Universidade Autónoma de Madrid. Nº 42, p. 79-101. DOI: <http://dx.doi.org/10.15366/cupauam2016.42.002>
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; BARRADAS, E.; BATATA, C.; DETRY, C.; SOARES, R. (2015) – O Cabeço Guião (Cartaxo- Portugal): Um Sítio da Idade do Ferro do Vale do Tejo. *Territórios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo em época tartésica, Reunion científica, Mérida (Badajoz, Espanã)*, p. 319-361.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; SOARES, R. (2014) - Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. Nº 74, p. 143-155.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (2002) – *De Scallabis a Santarém (Catálogo de Exposição)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CARDOSO, G.; ENCARNANÇAÇÃO, J. (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria-Cascais. *Cira Arqueologia*. N.º 2 Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 133-180.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1996) – O contexto oleiro de Muge na produção romana do Médio e Baixo Tejo. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C. (eds.) - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara municipal. Lisboa: Dom Quixote, p. 167-178.
- CARDOSO, J. L.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; REGO, M. (2014) - Outorela I e Outorela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do Estuário do Tejo (concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. N.º 21, p. 393-428.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T. (2013) – O casal agrícola da Idade do ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Série V-2, p. 353-398.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T.; MARTINS, F.; ANDRÉ, C. (2010-2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18, p. 75-102.
- FELIPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014) – Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d' El Rei. In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa, p. 736-747.
- FERNANDES, L.; COROADO, J. (no prelo) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana do Teatro Romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010).
- HENRIQUES, S. (2006) – *A Cerâmica Cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz, Almada, Cacilhas*. Tese de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- LLORIO, A. J. (2008) – Cerâmica oxidante de “tipo gris”. In ALMAGRO GORBEA, M. (Dir.), *La necrópolis de Medellín. II Estudio de los hallazgos*. Madrid, p. 513-566.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal)*. *Comptoir et sanctuaire*. Paris.
- NETO, N. M.; REBELO, P. M.; RIBEIRO, R. A.; ROCHA, M.; ZAMORA LÓPEZ, J. Á. (2016) – Uma inscrição lapidária fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 19, p. 123-128.
- OLEIRO, J. M. B. (1960-1961) – Achados arqueológicos no Porto do Sabugeiro (Muge, Ribatejo). *Conimbriga*. Coimbra, 2-3, p. 48-51.
- PEREIRA, I. (2009) – As actividades metalúrgicas na Iª e IIª Idade do Ferro em Santa Olaia, Figueira da Foz, *Conimbriga*. Coimbra, XLVIII, p. 61-79.

- PEREIRA, M. A. H. (1975) – Objectos egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra, 14, p. 173-176.
- PEREIRA, M. L. (2016-2017): Os Cossoiros de Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Nº 5, p. 55-74.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: A intervenção da Rua de São João da Praça. In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa. Vol. 2, p. 724-735
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista portuguesa de Arqueologia*. Volume 11. Nº 2, p. 171-194.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2013): 1.ª Campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro - Muge - Salvaterra de Magos. *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Nº 2, p. 195-219.
- PIMENTA, J.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; SOARES, R. (2014) – Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos – Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos*. Nº 1, p. 39-58.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E.; MENDES, H.; HENRIQUES, E.; ARRUDA, A. M. (2018) - A Eira da Alorna (Almeirim): as ocupações pré e proto-históricas. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira. Nº 9, p. 9-49.
- SOUSA, E. (2014) - A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo, Lisboa. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Estudos e Memórias 7. Lisboa: UNIARQ.
- SOUSA, E. (2016) - A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *CuPAUAM*. Madrid. Nº 42, p. 167-185. DOI: <http://dx.doi.org/10.15366/cupauam2016.42.006>
- SOUSA, E. (2016) - From Greek to Roman Pottery in the Far West. In Japp, S. e Kögler, P. (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag, p. 17-28. ISBN: 978-3-85161-160-1
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2018) – A Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém (Portugal): os resultados da campanha de 2001. *Onuba*. Huelva. Nº6, p. 57-95.
- SOUSA, E.; GUERRA, S. (2018) – A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valência. Nº 50, p. 57- 88. DOI: 10.7203/SAGVNT-VM.50.10636
- SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2017) - Produções cerâmicas de inspiração grega no Vale do Baixo Tejo. In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 887-896.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M. (2016-2017) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Nº 5, p. 9-32.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J.; SILVA, I.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M.; DORADO-ALEJOS, A. (no prelo) – Ânforas da Idade do Ferro e de tradição pré-romana do Porto do Sabugueiro (Muge, Portugal).
- SOUSA, E.; PINTO, M. (2016) - A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal): novos dados das escavações realizadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. Nº 11, p. 59-67.
- SOUSA, E.; SARRAZOLA, A.; SIMÃO, I. (2016) - Lisboa pré-romana: contributos das intervenções arqueológicas na Rua da Madalena. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. Nº11, p. 69-79.
- TENTE, C.; LOURENÇO, S. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro da galeria da Cisterna (sistema cársico da nascente do Almonda, Torres Novas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 19, p. 143-154.
- ZAMORA LÓPEZ, J. Á. (2014) – Palabras fluidas en el Extremo Occidente: sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo, que recoge un posible topónimo local. Madrid. In BÁDENAS DE LA PEÑA, P.; CABRERA BONET, P.; MORENO CONDE, M.; RUIZ RODRÍGUEZ, A.; SÁNCHEZ FERNÁNDEZ, C.; TORTOSA ROCAMORA, T., eds. – *Homenaje a Ricardo Olmos: per speculum in aenigmate: miradas sobre la Antigüedad*. Madrid: Asociación Cultural Hispano-Helénica, p. 306–314.